

BÍBLIA

- nº 1 – Instrumento para o estudo da Bíblia
- nº 2 – Pelos Frutos os Conheceréis

CELEBRAÇÕES

- nº 1 – Natal, cantos e contos

DOCUMENTOS

- nº 1 – Plano para Vida e Missão da Igreja
- nº 2 – Eleições 1994
- nº 3 – Relatório do Colégio Episcopal
- nº 4 – Plano Nacional: Ênfases e Diretrizes & Mensagem da Igreja Metodista à Nação Brasileira
- nº 5 – Eleições 1998
- nº 6 – Manual de Disciplina
- nº 7 – Código de Ética Pastoral
- nº 8 – Dízimo
- nº 9 – Diretrizes Pastorais: Ação Missionária Indigenista
- nº 10 – Credo Social
- nº 11 – Diretrizes para a Ação Missionária na Questão da Terra

METODISMO

- nº 1 – As Marcas Básicas da Identidade Metodista
- nº 2 – Missão, Organização e Agentes do Metodismo
- nº 3 – O Caminho do Discipulado: de Jesus a nós

MINISTÉRIOS

- nº 1 – Os Juvenis: Descobrimo um Grupo de Jovens
- nº 2 – AIDS: Desafio Pastoral e Solidariedade
- nº 3 – Estive Preso e Fostes Ver-me (Manual Prático para o Ministério Cristão Carcerário)
- nº 4 – Afetividade e Sexualidade

PASTORAIS

- nº 1 – Carta Pastoral sobre o Batismo
- nº 2 – Carta Pastoral sobre a Ceia do Senhor
- nº 3 – Carta Pastoral sobre Sexualidade
- nº 4 – Carta Pastoral sobre Ecumenismo
- nº 5 – Carta Pastoral sobre a Aliança com Deus
- nº 6 – Carta Pastoral sobre a Maçonaria

Biblioteca Vida e Missão – Bíblia



Pelos Frutos os Conheceréis

Colégio Episcopal

Colégio Episcopal



Pelos Frutos os Conheceréis



Editora Cedro

Pelos Frutos os Conheceréis

Colégio Episcopal da Igreja Metodista

Biblioteca Vida e Missão, Bíblia, nº 2

1ª edição – Março/2001 – 2.500 exemplares

Colégio Episcopal

Paulo Tarso de Oliveira Lockmann – Presidente

João Alves de Oliveira Filho – Vice-Presidente

João Carlos Lopes – Secretário

Adolfo Evaristo de Souza

Adriel de Souza Maia

Josué Adam Lazier

Rozalino Domingos

Câmara Editorial

Ana Cláudia Braun Endo

José Pontes Sobrinho – Expansão Missionária

Keila da Silva Guimarães – Ação Social

Luiz Carlos Escobar – Ação Administrativa

Stanley da Silva Moraes – Ação Docente

Assistente Editorial

Léia Alves de Souza

Sede Nacional da Igreja Metodista

Avenida Liberdade, 655 – sobreloja

Liberdade – 01503-001 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3277.7166 – Fax: (11) 3277.1695

www.metodista.org.br – sede.nacional@metodista.org.br



*Produzido pela Editora Cedro
sob licença da Igreja Metodista*

Assistente Editorial

Júlia Torres

Revisão

Hideide Brito Torres

Capa & Editoração

Arthur Esteves Balestero

Sumário

PREFÁCIO	9
CAPÍTULO 1	
Frutos da renovação da aliança com Deus	11
CAPÍTULO 2	
Pelos frutos os conheceréis	17
CAPÍTULO 3	
Eu sou a videira verdadeira	23
CAPÍTULO 4	
Os anônimos na missão – pelos frutos são conhecidos	27
CONCLUSÃO	31

“Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis.” (Mt 7.16-20)

PREFÁCIO

“Pelos frutos os conhecereis” é o tema da Igreja Metodista para 2001. O Colégio Episcopal oferece, através desta Pastoral, quatro textos para ser utilizados como subsídios para estudo, reflexão e motivos de oração em nossas comunidades.

Os textos buscam mostrar as condições que Jesus estabeleceu para que nós, como ramos da videira verdadeira, que é Ele, sejamos frutíferos.

Pelos frutos os conhecereis é o desafio que temos no início deste milênio: o de sermos conhecidos/conhecidas como cristãos/cristãs que têm uma confessionalidade, através dos frutos que evidenciamos. São frutos do arrependimento, da renovação da Aliança, da santificação, do Espírito Santo, do discipulado, da devocional e do comprometimento com os valores do Reino de Deus.

17º Concílio Geral

A Igreja Metodista no Brasil é incentivada a buscar, sonhar e se comprometer com os preparos e desafios do 17º Concílio Geral, durante os 100 dias que antecedem a abertura dos trabalhos do conclave maior da Igreja, que acontecerá a partir do dia 7 de julho, na cidade de Maringá, no Paraná.

E, nos próximos 100 dias – que se iniciam no dia 29 de março –, há muito que desejar e realizar.

Que os estudos aqui apresentados sejam um incentivo para juntos intercedermos ao Deus da Vida, a fim de que do 17º Concílio Geral surja um tempo ainda melhor na vida da nossa Igreja, e que o povo metodista, em terras brasileiras, seja conhecido pelos seus frutos.

*São Paulo, Quaresma de 2001.
Bispos da Igreja Metodista*

CAPÍTULO 1

Frutos da renovação da aliança com Deus

2 Reis 22 e 23

Iniciamos nossa reflexão sobre o tema “Pelos frutos os conheceréis”, considerando a renovação da Aliança com Deus realizada no ano 2000. Aliança significa “testamento”, “acordo”, “pacto”, “decisão irrevogável, que não pode ser anulada por ninguém”. São muitos os exemplos de Aliança: Gn 22.11-18; Êx 19.7-11; Is 24.14-24, 55.1-13; Jr 31.31-34; Dn 9.4-19; Rm 12.1-2; 1Pe 2.4-10; Ap 15.3-4, além de outras referências. Na aliança, ou na renovação dela, Deus está convidando Seu povo para arrepender-se de seus maus caminhos, humilhar-se, voltar-se para Ele e servi-lo com alegria.

Entre os objetivos da aliança está a promoção da vida, da paz e da justiça, para que haja felicidade entre o povo de Deus. Para isso, os termos da aliança precisam ser cumpridos. As palavras do Profeta Jeremias indicam os compromettimentos de uma nova aliança: “*Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhes inscreverei; eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo*” (Jr 31.33).

1. Frutos da renovação

Vamos refletir sobre os frutos da renovação da aliança acontecida no tempo do rei Josias. Antes de iniciar a reflexão, faça a leitura do texto de 2 Reis 22 e 23.

Josias tornou-se rei aos 8 anos de idade (22.1, 21.24). Ele não havia aprendido como seguir o “Livro da Lei”, pois durante o reinado de seu avô e de seu pai o costume de consultar a Deus não era observado. De acordo com 2 Reis 21.11, 17 e 21.21 e 22, Manassés (avô) e Amon (pai) *não andaram no caminho do Senhor e fizeram o que era mau perante os olhos do Senhor.*

No 18º ano do seu reinado, Josias decidiu fazer uma reforma no Templo de Jerusalém (22.5), quando foi encontrado o Livro da Lei no meio dos escombros (22.8). A expressão “o Livro da Lei” faz referência ao livro de Deuteronômio. Josias tinha 26 anos de idade quando isso aconteceu e, ao tomar conhecimento das palavras contidas no Livro, decidiu renovar a aliança com Deus (23.3). Podemos tirar do texto bíblico e da experiência de Josias alguns frutos decorrentes da renovação da aliança:

a. *“Tendo o rei ouvido as palavras do Livro da Lei rasgou as suas vestes.” (22.11)*

No ato de rasgar as vestes estava a evidência do arrependimento do rei pelos caminhos que ele e o povo haviam tomado, pois *“nossos pais não deram ouvidos às palavras deste livro, para fazerem segundo tudo quanto de nós está escrito” (22.13).* O reconhecimento da distância que havia entre Josias e a Palavra de Deus é acompanhado de atitudes de arrependimento e quebrantamento. O arrependimento é a evidência de que o rei quer viver uma nova vida fundamentada nos termos da aliança, descrita pelas palavras do Livro que foi encontrado no Templo.

b. *“Ide consultai o Senhor por mim... acerca das palavras deste livro...” (22.13)*

Despertado pelas palavras do *Livro da Lei*, o rei Josias consulta a Deus para saber o significado delas. Ele descobriu

a veracidade da Palavra de Deus e a importância que ela teria para o povo que tomou posse da Terra Prometida (Dt 6.1) e para todas as gerações futuras (Dt 6.7 e 6.20-25): *“Será para nós justiça, quando tivermos cuidado de cumprir todos estes mandamentos perante o Senhor, nosso Deus, como nos tem ordenado” (Dt 2.25).*

As orientações do *Livro da Lei* deixaram de ser cumpridas pelo avô e pelo pai de Josias. Agora o rei, aos 26 anos de idade, consulta a Deus para conhecer a Sua vontade e assumir os compromettimentos da aliança. O arrependimento de Josias o levou a perguntar o que Deus queria para a sua nova vida.

c. *“O rei se pôs de pé junto à coluna e fez aliança ante o Senhor...” (23.3)*

Josias convocou todo o povo, do menor até o maior, e leu o *Livro da Lei* para todos (23.1-2). Como fruto da leitura, Josias assumiu compromisso de seguir, guardar e cumprir os mandamentos, os estatutos e as palavras contidas no Livro da Aliança (23.3). A renovação dos votos significou compromissos assumidos com os termos da Aliança. Em outras palavras, Josias estava renovando o pacto de fé feito por Abraão e renovado por Isaque, Jacó, Moisés, Josué, Davi e outros.

O rei estava dando atenção ao Livro da Lei: *“para que temas ao Senhor, teu Deus, e guardes todos os seus mandamentos e estatutos que eu te ordeno...” (Dt 6.2)* para servir a Deus de *todo o coração, corpo e alma.*

d. *“... que tirassem do templo do Senhor todos os utensílios dedicados a Baal...” (23.4)*

A renovação da aliança não ficou apenas no arrependimento, no reassumir de compromissos e na consulta à Palavra de Deus. Josias realizou a purificação do Templo, destruindo os deuses estranhos, os objetos consagrados como ídolos (23.4,12) e fechando as casas da prostituição cultural

que estavam em Jerusalém (23.7). Restabeleceu o culto, destruindo os ídolos e imagens espalhados pelas cidades e aldeias e destituindo os sacerdotes impuros (23.5). Esses reparos tiveram implicações na vida pessoal, familiar, social, política, religiosa e, principalmente, na compreensão da vida como vocação para servir a Deus. A reforma aconteceu primeiramente no coração do rei que, arrependido, rasgou suas vestes, indicando o quebrantamento que estava experimentando. E se estendeu por todas as cidades, aldeias e por toda a terra. O povo que estava presente em Jerusalém e que acompanhou a leitura do Livro da Lei, quando o rei renovou os compromissos com Deus, “*anuiu a esta aliança*” (23.3).

e. “Celebrai a Páscoa do Senhor...” (23.21)

No “*Livro da Lei*”, ou seja, Deuteronômio 16.1-8, nós encontramos a descrição dessa Festa, chamada de Páscoa. O objetivo da Páscoa era recordar, durante todos os dias, “*o dia em que saístes da terra do Egito*” (Dt 16.3). Portanto, era recordar o livramento que Deus operou no meio do Seu povo, tirando-o da escravidão do Egito e levando-o à Terra Prometida, para louvar e servir ao Senhor em liberdade. Relembrar o livramento é um ato de louvor e reconhecimento do Poder de Deus e do Seu Senhorio. Como ato de renovação e cumprimento dos termos da Aliança, o rei Josias instituiu novamente a celebração da Páscoa, que termina num dia solene de louvor e adoração a Deus (Dt 16.8).

2. Objetivos da renovação

Os objetivos para a renovação da aliança celebrada no ano passado, extraídos da Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre a Renovação da Aliança, foram:

- Buscar a forma bíblica do esvaziamento, tornando-se servos/as (Fp 2.7).

- Viver e conviver em processo de busca efetiva da unidade, da comunhão e do diálogo (1Co 12.13).

- Viver a dinâmica de uma Igreja ministerial, proclamando, através do testemunho e do serviço e no poder do Espírito Santo, o Evangelho de Jesus Cristo (1Co 9.16; Fp 1.12-14; e At 7.55-58).

- Revisar posições, posturas e estruturas, objetivando ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13).

- Renovar os votos assumidos como membros da Igreja e reafirmar os compromissos decorrentes do pacto de fé.

- Buscar um aprofundamento da espiritualidade através da oração, jejum, vida devocional, culto, leitura e estudo da Bíblia, no exercício dos Dons e Ministérios.

A renovação começa com o arrependimento, que é um dos temas doutrinários da Igreja Metodista. João Wesley considerava o arrependimento como o alpendre de uma casa, sendo a fé a porta e a santificação, o interior. O arrependimento tem dois lados: auto-conhecimento do estado de pecador e frutos dignos do arrependimento (Lc 3.8), como a renovação da aliança que acabamos de estudar. João Batista deu evidências do que poderiam ser os “*frutos dignos do arrependimento*” quando falou para as multidões o seguinte: “*quem tiver duas túnicas, reparta com quem não tem; quem tiver comida, faça o mesmo*” (Lc 3.11). Para os publicanos, disse que não cobrassem além do devido (Lc 3.13) e para os soldados, deu a seguinte sentença: “*não maltrateis o povo e não façais denúncias falsas...*” (Lc 3.14). Esses frutos indicam uma transformação na conduta e nos pensamentos do cristão.

Todos/as os/as metodistas foram convidados/as a refletir sobre a Aliança com Deus e considerar os objetivos apresentados na celebração da Renovação do Pacto de fé. Ao longo deste ano estudaremos os frutos, pois através deles seremos conhecidos.

CAPÍTULO 2

Pelos frutos os conhecereis

Mateus 7.16-20

Com esse tema, não pensamos somente em produtividade, muito menos nos termos colocados na sociedade globalizada e capitalista. Queremos, sim, indicar frutos legítimos do Reino de Deus, frutos de lábios que confessam ser Jesus o Senhor. Em outras palavras, uma frutificação ética, cristã e responsável.

A linguagem da árvore e seus frutos é extremamente antiga nas imagens bíblico-simbólicas de Israel; já no Jardim do Éden ela aparece. Tal imagem comparativa pode ser vista em outros livros religiosos, e por todo o Antigo e Novo Testamentos. Árvore e seus frutos carregam uma carga de sentido que chamamos de polissemia, que quer dizer diversos sentidos. Vejamos alguns: Ezequiel, com sua visão apocalíptica, enfatiza a promessa que do Templo fluiriam águas, e delas um rio, de cujas margens brotariam árvores, e delas, frutos que alimentariam a todos, e suas folhas serviriam de remédio (cf. Ez 47.12). Isso numa visão de restauração, trazida por Deus e revelada ao seu profeta.

O salmista põe as árvores para cantar por causa da vinda do Senhor (cf. Sl 96.13). Mas a árvore designa, principalmente, Israel. Em Isaías 5.1, Israel é a videira má que, ao

invés de dar “*uvas boas, deu uvas más*” (Is 5.4). Por isso, o profeta, em nome de Deus, profere juízo contra Israel.

1. “Produzi, pois, fruto digno de arrependimento” (Mt 3.8)

Esta é a primeira vez que a palavra *karpós* (fruto) aparece no Novo Testamento. São 66 vezes, das quais, a maioria, em Mateus, e nunca nas cartas pastorais de Paulo (1Tm, 2Tm, Tt, Fm), e, nas cartas gerais, somente em Tiago. Em Mateus, se acentua o antagonismo entre *karpous kalous* e *karpous ponerous*, frutos bons e frutos maus, tema da profecia de Israel.

E, como vimos, esse uso já começa na figura profética de João Batista. Referindo-se aos fariseus e saduceus que vinham batizar-se por ele, João se recusou e proferiu contra eles sentença profética: “*Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura?*” (Mt 3.7b). Por que João Batista aparece tão irado com os fariseus e saduceus? Os fariseus eram os mestres da lei judaica. Fiéis ao sentido da expressão aramaica “*perushin*”, que quer dizer “os separados”, eram leigos e verdadeiros fiscais do cumprimento estrito da lei. Apesar de, em alguns momentos, gozar de popularidade por sua oposição ao partido do sacerdócio, os fariseus foram extremamente combatidos por João Batista e Jesus, pois atavam aos outros pesos, cargas religiosas, que eles mesmos não carregavam. Já os saduceus eram o partido religioso do Templo. Tinham sérias diferenças religiosas e políticas com os fariseus. Esses fatos nos fazem estranhar que ambos tenham se unido para batizar-se, pois sempre se consideraram mais religiosos do que o povo em geral, o qual, em quantidade, se acercara de João Batista. Pregando a vinda do Messias e do Reino, João Batista convidava ao arrependimento, e percebeu que a aproximação para o batismo desses religiosos profissionais não era acompanhada de real confissão e arrependimento.

Os frutos dignos que deles se esperava eram a coerência com a Palavra de Deus. Tais religiosos estavam acostumados a usar a religião para angariar vantagens pessoais. Principalmente os saduceus, membros da elite do Templo, que ganhavam comissões por todas as vendas no Templo; o culto judeu era um grande negócio para eles.

Hoje, esse juízo profético cai sobre os líderes religiosos em geral: a religião tornou-se um produto do mercado; estamos precisando de profetas com a indignação de João Batista e de Jesus. Assistimos a um incessante apelo ao povo para contribuir, promessas de prosperidade e riqueza, em troca de compromissos financeiros. Isso acontece no espiritismo, catolicismo e, lamentavelmente, no meio evangélico.

Cria-se com isso uma religião de utilidade e de troca de benefícios – “Busca-se a comida que perece”. No caso dos fariseus e saduceus, eles fugiam da fúria apocalíptica do profeta, buscavam ficar bem com Deus. No entanto, nada de compromisso com Deus, nada de mudar de vida, nenhum arrependimento, nenhuma confissão; somente a aparência da religiosidade que o ato externo do batismo lhes daria.

Atualmente, nos deparamos com cultos, nos quais as ofertas são várias e raramente se oferece a grande única oferta: Jesus e Seu Reino. Em muitos casos, não se denuncia o pecado, não se promove momento de confissão e quebrantamento, não há conversão. Há adesão, conveniências interessantes e utilitárias. Passadas as necessidades, desaparecem essas pessoas até o próximo desemprego, doença ou desilusão. O machado está posto à raiz da árvore, o ramo que não dá fruto, ele o corta e lança no fogo inextinguível (cf Mt 3.10). Essa sentença de juízo profético continua relevante. Cabe à Igreja dar uma resposta.

2. Pelos frutos os conhecereis (Mt 7.16-20 e Jo 15)

A imagem comparativa de Jesus, nesta outra parte do Evangelho, aponta o juízo, mas também a missão. Aparentemente,

somos nós que decidimos que fruto vamos dar: o bom ou mau fruto. A denúncia é contra os falsos profetas. A maior prova de que existem santos homens e mulheres de Deus é a existência do falso homem e falsa mulher de Deus. Precisamos urgentemente confrontá-los para identificar quem é quem, e, para isso, o critério bíblico são os frutos.

Procuremos a nós mesmos, examinemos a nossa vida, esquadrinhemos os nossos caminhos e voltemos ao Senhor, olhem para trás e verifiquemos se nosso ministério tem deixado vidas transformadas, fruto da unção e dom de Deus em nossa vida. Avaliemos como está nossa família. Nossos filhos são crentes? Nosso lar recomenda o Evangelho?

Os frutos, quando existem, são visíveis: não se consegue escondê-los. Quando viajamos, podemos observar à beira da estrada, as mangueiras carregadas de mangas; são frutos visíveis, não passam despercebidos. Do mesmo modo, a nossa vida, nossa família, nossa igreja local. Quando temos frutos dignos do Reino, eles são visíveis. Não é preciso procurar, pois eles aparecem.

3. Os frutos do Espírito Santo (Gl 5.22-23)

O apóstolo Paulo apresenta uma lista de frutos que são da mesma origem dos Dons e Ministérios, ou seja, do Espírito Santo. Vejamos a relação: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. São muito enfatizados e procurados pelos cristãos os dons do Espírito Santo, mas Paulo compreendia que o que revelava maturidade cristã eram os frutos, virtudes cristãs que devem ser buscadas, cultivadas e desenvolvidas.

Os nove frutos do Espírito Santo podem ser divididos em três grupos de três, apresentando as atitudes que um cristão deve ter consigo mesmo, com Deus e com os outros. Vejamos¹:

¹ Esta divisão é oferecida por Stott, John W., *A Mensagem de Gálatas*, ABU Editora, 1989, p. 135.

• Grupo um: *amor, alegria e paz*. São virtudes universais, ou seja, devem estar presentes nos diversos relacionamentos do cristão, seja consigo próprio, seja com Deus, seja com outras pessoas. Mas o relacionamento com Deus está em destaque aqui, lembrando o mandamento do amor.

• Grupo dois: *longanimidade, benignidade e bondade*. São virtudes sociais, voltadas especialmente para o relacionamento com os outros.

• Grupo três: *fidelidade, mansidão e domínio próprio*. São virtudes que indicam o relacionamento com a pessoa mesma, pois têm a ver com a disposição e disciplina pessoal.

Alguns dos frutos indicados na relação de Gálatas significam o seguinte: *longanimidade* – paciência para com os outros; *benignidade* – disposição para ajudar os outros; *bondade* – indicam palavras e atos que ajudam outras pessoas; *mansidão* – é ter humildade para com Deus e para com o próximo; *domínio próprio* – significa o autocontrole, a disciplina pessoal, etc.

João Wesley, pregando sobre o Cristianismo Bíblico, destaca os frutos do Espírito Santo²: “*os santos frutos do Espírito, os quais, não os tendo alguém, esse tal não lhe pertence; teve em vista enchê-los de caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade (Gl 5.22-24); dotá-los de fé (talvez esta idéia melhor se expresse pelo termo fidelidade), com humildade e temperança; habilitá-los a crucificar a carne, com suas afeições e cobiças, suas paixões e desejos. E, em conseqüência da mudança interior, assim assegurada, preencher toda justiça exterior e andar como Cristo também andou, na ‘obra da fé, na paciência da esperança, no trabalho do amor’ (1Ts 1.3)*”.

² Sermões de Wesley, Vol I, p. 83.

Mas, dentre esses frutos, destaca-se o do Amor. Paulo recomenda que se busquem os melhores dons (1Co 12.31), ou seja, os mais úteis. Paulo usa a palavra grega *zeloute*, que quer dizer desejar, aspirar. Em 1 Coríntios 14.1, repete a mesma palavra para falar dos dons, mas quando diz para procurar o amor, usa a palavra grega *dioxete*, que quer dizer perseguir, buscar, esforçar-se, correr atrás. Portanto, o caminho que Paulo aponta como o melhor de todos é o caminho do Amor (1Co 13).

O Colégio Episcopal diz: “O amor deverá permear todos os níveis de nossos relacionamentos, pois, onde estiverem presentes alegria, paz, longanimidade, benignidade, fidelidade, mansidão e domínio próprio, aí estará presente o amor, ele é o fruto fundamental”³. Paulo concluiu dizendo: “... *permanecem a fé, a esperança e o amor, destas três coisas, a maior delas, porém, é o amor*” (1Co 13.13).

Esses são frutos, tendo o amor como o maior deles, que revelam o verdadeiro cristão, cheio do Espírito Santo e fortalecido pela Graça de Deus. Quais deles são mais visíveis em nossa vida? Quais deles são mais urgentes e necessários para que continuemos a crescer na fé, no amor e na esperança? Quais deles são mais necessários para o cumprimento dos dons do Espírito Santo que Deus tem dado a Sua Igreja? Procuremos pois com zelo esses frutos, principalmente o amor.

³ Colégio Episcopal, Igreja Ministerial – Desafios e Oportunidades, 1991, p. 46.

CAPÍTULO 3

Eu sou a videira verdadeira

João 15.1-16

1. Introdução: Uma figura que ainda fala

Quando Isaías usou a figura da videira para referir-se à casa de Israel (Is 5.1-7), usava uma linguagem muito próxima do povo. É como se nós usássemos a figura da mangueira, ou da laranjeira, árvores frutíferas tão disseminadas no Brasil. A videira e a figueira eram as duas árvores frutíferas, que, junto com a oliveira, em diferentes momentos, foram usadas como símbolos do povo, figuras para falar acerca da ação de Deus. Isso porque todos conheciam essas árvores e seus frutos. Além disso, elas alimentavam e curavam as pessoas, pois além de alimento, eram também usadas como medicamento: a oliveira, com seu azeite, era largamente usada para cura, unção em geral; o fruto e as folhas esmagadas do figo eram usados para curar feridas; e o vinho, fruto da videira, usado como remédio para o estômago, cujas propriedades terapêuticas são reconhecidas até hoje.

Por que toda essa explicação? Porque é preciso deixar claro que árvores, no sentido bíblico, devem produzir frutos; árvore sem fruto é, infelizmente, amaldiçoada (cf. Mt 21.18-20). Não queremos ser radicais, mas tampouco esconder as verdades do Evangelho.

2. “Todo o ramo que (...) não der fruto, Ele o corta...” (v. 2)

A primeira afirmação é uma sentença profética de Jesus, uma advertência, um juízo. Inspirado na figura da videira má, (cf. Is 5.1-7), e mesmo em figuras da Apocalíptica judaica, seja em Joel (3.12-13), ou em Apocalipse (14.19), que claramente diz: “*Então o anjo passou a sua foice na terra, e vindimou a videira da terra, e lançou-a no grande lagar da cólera de Deus*”.

Tal juízo se baseia no princípio de que aquele/a cristão/ã que está plantado/a em Deus, é parte da videira e deve produzir frutos dignos do Reino de Deus. Vejam a figura do homem e da mulher justos, ilustrados por Jeremias e pelo salmista como uma árvore plantada junto a correntes de águas, que no devido tempo dão o seu fruto (Jr 17.8; Sl 1). Esta tradição bíblica nos coloca frente a uma única alternativa: ou somos frutíferos, abundantes na seara de Deus, ou seremos arrancados da videira, e lançados ao fogo. Não há como fugir ao juízo de Deus; isso está diante de nós com linguagem bíblica muito clara. Sei que nem sempre isto tem sido colocado com clareza. Todos nós precisamos avaliar nossa própria caminhada e os frutos de nosso ministério. Se não vemos, devemos nos humilhar e nos quebrantar na presença de Deus, e ouvir a voz de Deus nas palavras do profeta Jeremias: “*Esquadrinhemos os nossos caminhos, provemo-los e voltemos para o Senhor*” (Lm 3.40). Isto se não quisermos receber nós mesmos o juízo de Deus (cf. Jr 23.9-12).

3. “... e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda” (v. 2)

Antes de tudo, devemos deixar claro: aqui estamos no ponto decisivo – ramo sujo e cheio de parasitas (pecado), seca, apodrece, e não dá fruto. Precisa ser cortado para não transmitir sua doença para outros ramos.

Todos os homens e mulheres, na história da salvação, na Bíblia, que foram usados e abundantes em frutos, tiveram de ser purificados e santificados. Assim foi com Moisés, Elias, Isaías, Maria Madalena, etc... Como vamos produzir frutos, se ainda temos sinais do velho homem, da velha mulher; pecados antigos ainda se manifestam em nosso comportamento? Deus é santo e espera que sejamos santos como Ele (1Pe 1.14-16).

Como acontece essa santificação? Ouçam o texto: “*Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado*” (Jo 15.3). Aqui vale recordar o Salmo 1, já citado, quando diz que a pessoa justa é aquela cujo prazer está na Lei do Senhor (Palavra de Deus), e nela medita, de dia e de noite. Tal pessoa é como árvore plantada junto às correntes de águas que no devido tempo dá seu fruto, e cujas folhas não murcham. Alimentar-se dia e noite da Palavra de Deus é o caminho para a purificação, pois a Palavra, pelo poder do Espírito Santo, denuncia ao nosso coração o que está errado, com o nosso pensar, falar e agir; somos levados ao quebrantamento. Confessamos nossos pecados e os deixamos, pois sentimos necessidade de agradar àquele que nos chamou das trevas para sua maravilhosa luz, Jesus Cristo. Assim, somos purificados, limpos, santificados, pela fé naquele que morreu pelos nossos pecados, nosso Senhor Jesus. Sim, seu sangue nos purifica e nos santifica, para viver na luz, como Ele está na luz.

Sabemos que o batismo simboliza esse nascer de novo para Deus; é um símbolo de purificação, traduz materialmente aquilo de que a nossa fé em Deus já se apropriou espiritualmente: o perdão de nossos pecados, pela graça, mediante a fé (cf. Ef 2.8-9). Por que, quando pecamos depois de batizados, não precisamos nos batizar de novo? Porque temos a mesa do Senhor, na qual vivemos o memorial da morte e ressurreição do Senhor, e nesse momento confessamos nossos pecados, e somos perdoados, renovados e purificados para viver

uma nova vida em Cristo, sendo frutíferos ramos da videira. O momento da Ceia era tão importante para João Wesley que ele a celebrava semanalmente.

4. “... permaneci em mim, e eu permanecerei em vós” (v.4)

A idéia contida em João 15, nos versos 4 a 7, transmite o conceito da dependência de Deus e de sua Palavra. Dependência caracterizada por submissão, humildade, espírito de serviço a Deus, daquele que se reconhece como ramo simples da Videira. Nós não produzimos fruto de nós mesmos, e sabemos disso. Paulo deixou isso muito claro em diversas ocasiões: “*Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebestes, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?*” (1Co 4.7).

Sabem em que contexto Paulo disse isso? Em função das divisões em Corinto, alguns se arvoravam mais crentes do que os outros, e diziam: eu sou de Paulo, outro, eu sou de Cefas (Pedro), e ainda outros diziam, eu sou de Cristo. Estes, segundo a exegese mais reconhecida, eram os que entendiam ter recebido revelação e direção de Jesus, pelo Espírito Santo; por isso rejeitavam qualquer autoridade humana, e fizeram muitos desaforos a Paulo, a Apolo e a outros obreiros. Eles achavam que tinham toda a revelação, como se não dependessem de ninguém. Paulo apresenta a ele e Apolo, como cooperadores de Deus, o qual dá o crescimento. Diz ele: “... *lavoura de Deus, edifício de Deus somos nós...*” (1Co 4.6-9). Tudo para mostrar que, de nós mesmos, não podemos nada; tudo vem das dadivosas mãos de Deus, por sua maravilhosa graça.

CAPÍTULO 4

*Os anônimos na missão
– Pelos frutos são conhecidos –
Atos 9.25, 11.19-21, 12.12 e 23.16-22*

É comum que aqueles que mais aparecem sejam valorizados; aqueles que ocupam cargos ou ministérios considerados mais nobres, mais importantes. Numa casa, se destaca mais o vaso de ouro e de prata, enquanto o de barro quase não é visto.

A histórica bíblica destaca alguns líderes que exerceram um ministério importante. Pouco se fala de algumas pessoas que, com sua participação, contribuíram para a obra missionária da Igreja. Gostaria de meditar sobre esses anônimos. Seus nomes não são mencionados mas foram usados por Deus. Paulo diz que Deus escolheu os de barro para realizar a sua obra (2Co 4.7). Esses anônimos são conhecidos pelos frutos que produzem.

1. Quem são eles?

a. Os dispersos (11.19-21)

Após a morte de Estevão, os cristãos de Jerusalém foram dispersos por vários lugares, fugindo da perseguição. Foram para a Fenícia, para Chipre, para Antioquia, etc. Longe de casa, permaneceram firmes no seu compromisso com Deus.

b. A mãe de João Marcos (12.12)

Sobre João Marcos lemos em outros textos bíblicos. Foi ele quem escreveu o Evangelho de Marcos. Mas sobre sua mãe encontramos apenas essa referência em Atos dos Apóstolos. Junto com ela estão outras pessoas, cujos nomes não são mencionados.

c. O sobrinho de Paulo (23.16-22)

Alguns judeus estavam armando uma cilada para Paulo. Um rapaz que passava por perto da reunião ouviu a trama. Ele era sobrinho do apóstolo Paulo. Ele é destacado, não por ser sobrinho de Paulo, mas sim por ter participado da missão da igreja.

d. Os discípulos de Paulo (9.25)

Geralmente nós conhecemos os mais “famosos”, como Timóteo, Tito, Silas, Epafras, Áquila e Priscila, etc. Mas os discípulos de Paulo nesse texto são também participantes da missão. Eles aparecem logo após a conversão de Paulo e justamente no momento em que os cristãos eram perseguidos. Como Paulo foi um perseguidor, os cristãos não acreditaram muito na sua conversão. Mas houve um “grupinho” de judeus que ouviu a pregação de Paulo em Damasco e tornou-se seu discípulo.

2. O que eles fizeram?*a. Dispersos*

Enquanto fugiam para outros lugares, aproveitavam para evangelizar e anunciar a fé em Jesus Cristo. O resultado foi a fundação de uma Igreja em Fenícia, Chipre e Antioquia, além de outros lugares. Antioquia veio a ser a principal Igreja na evangelização do mundo da época. Mais tarde, essa Igreja vai enviar Barnabé e Paulo como missionários.

b. A casa da mãe de João Marcos

Quando Pedro estava preso, a mãe de João Marcos reuniu

na sua casa um grupo de pessoas que ficou em vigília orando. O resultado foi a libertação de Pedro. Se olharmos mais adiante, veremos outros resultados da vida cristã dessa mãe. João Marcos veio a ser companheiro de Paulo na primeira viagem. Abandonou-o no meio do caminho. Na segunda viagem, Paulo segue com Silas, mas Barnabé ficou com João Marcos. Alguns anos mais tarde, João Marcos tornou-se útil para o ministério e escreveu o primeiro evangelho: Evangelho de Marcos.

c. Sobrinho de Paulo

O rapaz procurou as autoridades e denunciou a trama, salvando assim a vida de Paulo. Foi corajoso para enfrentar os judeus que queriam a morte do seu tio. Com sua libertação, o apóstolo foi para Roma, como havia tencionado, e muitos soldados romanos converteram-se ouvindo suas pregações.

d. Os discípulos anônimos de Paulo

Para salvar a vida do mestre, colocaram-no num cesto e o desceram pelas muralhas da cidade. Com essa atitude, eles estavam se comprometendo, pois um grupo de judeus queria matar a Paulo. Participaram da história da Igreja, ajudando a salvar o apóstolo Paulo e permaneceram em Damasco testemunhando a sua fé em Cristo.

e. Diáconos e Bispos (Fp 1.1-2)

Na saudação, além de se apresentar como escravo, Paulo destaca os *diáconos* e os *episcopos*, anônimos que cumpriam com seus ministérios na Igreja de Filipos. Por que Paulo faz este destaque? O termo *diácono* tem como seu sentido primitivo o servir à mesa. Num sentido mais amplo, significava cuidar da subsistência. Já o termo grego *episcopo* tem como sentido original o servidor ou o vigia. No grego mais clássico, foi usado para referir-se ao defensor ou patrono. Esses dois termos (diáconos e bispos) foram usados nas cidades do mundo grego

e romano para referir-se aos serviços municipais praticados, designando o servidor e o guardião, respectivamente. A figura do bispo e do diácono passou a ser uma ordem claramente definida na Igreja Cristã somente no século II e seguinte. Na época de Paulo, não havia esta definição claramente.

O que determinava sua autoridade na comunidade de Filipos não era o cargo em si, mas sim o serviço que prestavam. Os serviços, ou os dons, eram tidos como “dons da graça”, e o que conferia algum sentido de autoridade era o exercício do mesmo em prol de toda a comunidade. Concluímos que os dois termos podem referir-se às mesmas pessoas que estavam enfrentando lutas e dificuldades pela postura que adotaram na sociedade e que tinham a ver com o evangelho de Jesus Cristo. *Diáconos* e *episcopos* em Filipos identificavam os pregadores leigos daquela promissora comunidade de fé.

3. O que aprendemos com eles?

Como vimos, *diáconos* e *bispos* fazem uma referência a proclamadores do evangelho. Provavelmente, não foram eleitos pela comunidade e nem consagrados para tal fim, mas receberam de Deus serviços que lhes conferiam tal autoridade, embora não institucionalizada pela comunidade. Estes foram solidários com Paulo durante suas lutas e prisões. Vimos outros anônimos que participaram ativamente da missão da Igreja e contribuíram para o crescimento do Reino de Deus. Eles foram conhecidos pelos frutos que apresentaram. No caso da mãe de João Marcos, o fruto da solidariedade, do comprometimento com a missão, da oração. O sobrinho de Paulo foi um jovem de coragem e de compromisso.

Quais são os frutos que o/a tornam conhecido/a como discípulo/a de Jesus e comprometido/comprometida com o Reino de Deus?

CONCLUSÃO

Temos diante de nós esses desafios bíblicos. Que neste ano de 2001, ano do 17º Concílio Geral, e, primeiro deste novo século e milênio, o fruto da nossa dedicação a Deus e à Missão da Igreja tenha as seguintes evidências:

- frutos do Espírito Santo (Gl 5.22-23).
- frutos para Deus (Rm 7.24).
- frutos de lábios que confessam o nome do Senhor (Hb 13.15).
- frutos para a santificação e para a vida eterna (Rm 6.22).
- frutos do Evangelho (Rm 1.13, Cl 1.6).
- frutos de justiça (Fp 1.11, Tg 3.18).
- frutos dignos do arrependimento (Mt 3.8, Am 6.12).
- frutos da presença de Deus (At 14.17).
- frutos do discipulado (Mt 18.18-20).

O desafio de “*Pelos frutos os conhecereis*” nos leva a refletir sobre o uso dos nossos dons, talentos e ministérios, e do nosso relacionamento com os demais membros da nossa igreja local. A unidade, a integração entre os diversos ministérios, o comprometimento com os desafios missionários da Igreja e a espiritualidade integral são como frutos a identificar o metodista cuja mente é transformada pelo conhecimento de Deus e cujo coração é aquecido pela presença do Espírito Santo.

Que a Palavra de Deus, registrada no Evangelho de Mateus, esteja presente em nossas mentes e corações: *“pelos seus frutos os conhecereis... assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis”* (7.16-20). Que Deus nos permita ser a árvore boa, descrita nesse texto do Evangelho.